



NÃO SE NASCE HOMEM, NEM NECESARIAMENTE SE TORNA:

Aproximação etnográfica a grupos de homens igualitários

Antonio Martins de Oliveira (Univ. Autônoma de Barcelona)
tonimartins4@yahoo.com.br

RESUMO: Tomando como base a definição de gênero como uma categoria de análise da relação Masculino/Feminino, e a identidade de gênero como uma auto-definição do sujeito, a partir de processos construtivos externos (cultura, costumes, educação) e internos (decisões, valorações, escolhas), fazemos um diálogo entre duas correntes de discussão sobre a identidade de gênero dos homens: a mudança impossível e a mudança possível. Utilizamos argumentos interdisciplinares de diferentes autores, priorizando as contribuições de Françoise Héritier e Pierre Bourdieu, na corrente da mudança impossível, e Simone de Beauvoir e Elisabeth Badinter, na corrente da mudança possível. O debate se dá ao redor do Sistema de Pensamento Binário Ocidental que opõe homens e mulheres e, dessa forma, defende o determinismo social da identidade de gênero. Como alternativa, apresentamos a necessidade da problematização desse sistema como forma de possibilitar a abertura de perspectivas de construção da igualdade entre homens e mulheres.

Palavras chave: Pensamento binário, pensamento do equilíbrio, construção identitária.

ABSTRACT: Based on the definition of gender as a category of analysis of the Male/Female, and gender identity as a self-definition of the subject, from construction processes external (culture, customs, education), make a dialogue between two currents thinking about the gender identity of men: the change impossible and change possible. Interdisciplinary arguments used by different authors, emphasizing the contributions of FH and PB, the current change impossible, and SB and EB, the current of change possible. The debate (Discussion) takes place around the binary system of Western thought, which is between men and women, thus defends the social determinism of gender identity. Alternatively present the need for questioning the system as a way to allow the opening prospects of building equality between men and women.

Key words: binary thinking, thinking of the balance, construction identity.

1- INTRODUÇÃO

A discussão sobre gênero suscitou a partir da segunda metade do séc. XX a problematização da identidade masculina do homem heterossexual, competitivo, racional e violento: o “homem de verdade”. Era a chamada “masculinidade dominante”, considerada como modelo a ser alcançado por todos os homens, segundo o pensamento ocidental. Quem não lograsse alcançá-la, era considerado como meio homem, ou homem “mole”, ou “mulherzinha”, ou “fresco”, entre outras definições que povoavam e ainda povoam o linguajar e o imaginário popular brasileiros.

Esses “outros”, portanto, eram/são motivo de desprezo e gozação por parte da nossa sociedade, sendo obrigados a negar sua própria identidade ou a reclamar sua legitimidade, enfrentando as pressões sociais e culturais. A história da homossexualidade masculina no Brasil é o exemplo mais significativo dessa vivência difícil de uma identidade alternativa, que nos é contada por João S. Trevisan, no seu “Devassos no Paraíso”, de 2002.

Menos pressionada, a masculinidade heterossexual alternativa não estava organizada em grupos ou movimentos específicos, mas em movimentos de contracultura (NOLASCO, 1993) ou em espaços de discussão pro feministas, que mais tarde iriam fomentar a formação de grupos de homens igualitários, como ocorreu em Recife e em Barcelona, na Espanha.

O primeiro grupo do Recife foi formado em 1994, depois de um curso de formação em gênero, no qual os poucos homens ali presentes foram incentivados pelas mulheres a que discutissem entre si suas masculinidades e seus interesses no âmbito da discussão sobre relações de gênero. Em Barcelona, o primeiro grupo surgiu a partir de um congresso sobre gênero em 2003, a partir da iniciativa de um dos participantes que convidou aos demais ali presentes a formar um grupo.

Nos dois casos o processo de formação foi demorado e rodeado de incertezas, porque eles, além de não saberem exatamente o que discutir, também não tinham um local fixo de reunião e a participação dos interessados era absolutamente voluntária. Ou seja, era começar tudo do zero.

Não obstante as dificuldades, ambos os grupos lograram manter sua organização, mesmo continuando voluntário e sem espaço fixo para suas reuniões. Mas, estas não eram as únicas dificuldades que enfrentavam.

A produção científica sobre a identidade masculina aborda/va duas linhas teóricas: a “mudança não possível” e a “mudança possível”, nas quais se confrontam ideias deterministas e idéias construtivistas de modelos indenitários.

Este trabalho é um intento de contribuir com essa discussão teórica, a partir de uma aproximação sócio-antropológica a grupos de homens de Recife e Barcelona, adotando a postura clara em defesa da possibilidade da mudança identitária masculina, como condição para a promoção de relações igualitárias entre mulheres e homens. Nossa base argumentativa está na frase de Simone de Beauvoir: “*ninguém nasce mulher: torna-se mulher*” (BEAUVOIR,



1986: 09), depois parafraseada por Elisabeth Badinter: “*o homem não nasce homem, ele se torna homem*” (BADINTER, 1993: 29).

Autores como Françoise Héritier e Pierre Bourdieu, apesar de utilizarem argumentos construtivistas, defendem essa construção identitária como determinada socialmente, idéia que aqui é problematizada. Nossa oposição a estes argumentos está expressa já no nosso título: “*não se nasce homem, nem necessariamente de torna*”, a partir do qual tentamos pôr em evidência as teorias interdisciplinares acerca da existência histórica de identidades masculinas alternativas ao modelo dominante ocidental. E, para nossa fundamentação empírica, tentamos verificar o que motivou aos homens tornarem-se membros de grupos igualitários de Recife e de Barcelona, dois grandes centros urbanos, um do Brasil e outro da Europa, com o objetivo de identificar suas semelhanças e de buscar perspectivas no sentido de contribuir para a promoção da igualdade de gênero.

Este trabalho é uma síntese da tese de mestrado, feita no idioma espanhol, da qual extraímos trechos das entrevistas realizadas, com tradução nossa ao português. Quanto à narração, utilizaremos a primeira pessoa do singular e a segunda do plural, porque, por um lado, me permite o uso do plural em afirmações gerais e impessoais; por outro lado, me permite falar das minhas experiências pessoais vivenciadas nos grupos através do discurso etnográfico, sem prejudicar o caráter científico do texto.

2- ELEMENTOS TEÓRICOS

Prospectando desde os anos 90, constatei que são raras as produções sobre as masculinidades e os grupos de homens devido ao fato de que a discussão sobre gênero era entendida como “*coisa de mulher*”, na qual o homem não entrava, e se entrasse, não era visibilizado (VELOSO, 1996). Foi preciso, então, que ele formasse grupos específicos de homens para que pudessem discutir suas masculinidades.

Começaremos, pois, nossa discussão a partir da compreensão sobre gênero e sobre identidade de gênero.

2.1 - Gênero e Identidade de Gênero



Há uma grande variedade de compreensões acerca do conceito de gênero, com ênfases distintas como, por exemplo, as relações de poder, a identidade sexual, ou a construção identitária, o que produz confusão na hora de defini-lo. Aqui, adotamos a noção conceitual de Arelia M. Casares, que considera que *“el género es una categoría de análisis científico que se refiere a las cualidades culturales y sociales que se asocian simbólicamente a las personas según las formas de concebir las identidades genéricas (de género) en cada sociedad...”* (CASARES, 2008: 48). Este é um termo criado pelas intelectuais feministas na segunda metade do século passado, com o objetivo de *“romper con el determinismo biológico implícito en el concepto sexo, que marcaba simbólica y efectivamente el destino de hombres y mujeres”*, (CASARES, 2008: 36).

Dessa forma, considerar a noção de gênero em nosso estudo é propor-nos a analisar, por um lado, o processo coletivo da construção do “ser homem” e do “ser mulher” através da cultura, dos costumes e das políticas sociais de nossas sociedades; e, por outro lado, propor-nos a analisar a noção de identidade como uma construção individual do “ser”, através dos processos de aceitação/rechaço/negociação do indivíduo aos modelos que lhe são apresentados desde sua infância nos diversos espaços e instituições que integra, como a família, a escola e a igreja (NOLASCO; 1993; BADINTER, 1993; GUTMANN, 2000; CONNELL, 2003; SEIDLER, 2006).

Esta noção de construção coletiva e individual do “ser” estaria plasmada já na obra “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, quando a autora diz: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1986: 09). Desde então esta idéia é utilizada por diversas e diversos autores para falar acerca das identidades de mulheres e de homens, como é o caso Elizabeth Badinter, quando diz: “o homem não nasce homem, ele se torna homem” (BADINTER, 1993: 29). Ou seja, tanto mulheres como homens estão em construção.

Por esta razão, aqui questionamos a identificação do homem como ser exclusivamente masculino, e da mulher como ser exclusivamente feminino, uma divisão própria do sistema binário de pensamento. O masculino e o feminino são categorias que co-existem em cada pessoa, de maneira que um homem pode sentir-se mais feminino que masculino e uma mulher poder sentir-se mais masculina que feminina, como sugere Norma Fuller: *“La identidad de género corresponde al sentimiento de pertenencia a la categoría femenina o masculina”* (FULLER, 1997: 139)., porque:



la identidad genérica o «generizada» no es estable y está relacionada con las prácticas sexuales de las personas y con la evolución en la forma de percibirse a sí mismas. De este modo, la identidad generizada tiene que ver con la imagen que las personas, de manera más o menos consciente, proyectan en el ámbito social en relación con la ideología de género dominante; así como la adecuación, transgresión o interiorización de los valores hegemónicos en cada momento de sus vidas. (CASARES, 2008: 54)

A identidade implica, portanto, o identificar-se com um conjunto de características femininas e masculinas que se entrecruzam no indivíduo. Mas, não é só isso. Estas categorias devem também estar equilibradas, para que uma não se sobreponha à outra, ou até a substitua, como veremos.

Por agora frisamos que parece mais viável renunciarmos à teoria da existência de dois gêneros radicalmente divididos em mulher/feminino e homem/masculino, colocando-os em dois pólos distantes e opostos, além de inalcançáveis, conforme nos diz Badinter: “*Cedo ou tarde, a maioria dos homens compreende que está às voltas com um tipo masculino que não consegue concretizar*”, (BADINTER, 1993: 136).

2.2 O Sistema Binário e as Mudanças Identitárias

A discussão sobre a Igualdade de Gênero tem um grande inimigo: o sistema binário do pensamento ocidental que, como acabamos de ver, atribui o gênero masculino exclusivamente ao homem e o feminino, exclusivamente à mulher, opondo os dois sexos e naturalizando esta oposição. Compreender as diferenças entre os dois sistemas de pensamento é um passo importante para a discussão acerca da igualdade de gênero, porque implica em irmos mais além da oposição entre os gêneros e buscar um caminho no qual participem juntos mulheres e homens.

Para esta análise, adotaremos como eixo as aportações de três autoras e um autor sobre as não possibilidades e as possibilidades de mudanças nas identidades de gênero. De um lado estão Françoise Héritier e Pierre Bourdieu desde a perspectiva da mudança não possível e, de outro lado, estão Simone de Beauvoir e Elisabeth Badinter desde a perspectiva da mudança possível.



2.2.1- Hérítier e Bourdieu: não possibilidade de mudanças

A antropóloga Françoise Hérítier em seus dois volumes de Masculino/Feminino, de 1996 e 2007, nos fala do pensamento binário dos opostos, proposto por Aristóteles, como a base do pensamento ocidental. A autora está de acordo com a teoria aristotélica, mas critica o seu aspecto da hierarquização entre masculino e feminino. O seja, para Hérítier os homens estão relacionados unicamente ao masculino, e as mulheres relacionadas unicamente ao feminino – ideia da qual discordamos –, e estas são em sua opinião categorias opostas, mas não assimétricas. A hierarquia entre os dois teria iniciado nos grupos humanos primitivos a partir de, além da dominação do espaço público por parte do homem que restringira a mulher ao espaço doméstico, também a partir de uma suposta inveja dele em relação à maternidade, desdobrando-se na proibição do incesto e na utilização da mulher como moeda troca entre as tribos vizinhas.

Neste trabalho, não nos interessa discutir todos os aspectos de sua aporção, mas sim o seu não questionamento da “oposição” entre mulheres e homens, e a sua defesa desse sistema de pensamento como universal, e não apenas ocidental.

Para a fundamentação dessa teoria, Hérítier defende dois pontos: a maternidade natural da mulher e a suposta semelhança entre os sistemas de pensamento ocidental e oriental chinês. No primeiro caso, a autora se apóia na capacidade biológica da mulher de dar à luz uma criança, o que a capacitaria a cuidá-la no seu processo de crescimento, sem a participação do companheiro. O homem, portanto, jamais poderia desenvolver esta capacidade. Dessa forma, a maternidade seria incomparável à paternidade, porque cada um exerceria uma função específica e intransferível na vida da criança: o pai como imagem e modelo do masculino (força, coragem, valentia), e a mãe como feminino (afeto, acolhida, diálogo). Por esta razão, a autora compreende que uma sociedade liderada por mulheres seria melhor do que outra liderada por homens, porque eles seriam naturalmente competitivos e violentos, enquanto que elas seriam dialogais e pacíficas.

Outras autoras e autores, como Ramires (1997) e Badinter (1993 e 2005), por exemplo, têm pensamento contrário ao de Hérítier. Ramires nos diz que a paternidade é igual à maternidade, excetuando unicamente a capacidade de parir, e a estas capacidades paternas a autora define como “paternagem”, que inclui inclusive os enjôos no período de gestação. Para Badinter o “instinto materno” não existe; existiria sim o amor materno, assim como o amor paterno, que seria construído progressivamente na relação mãe-filho/a e pai/filho/a.



Sendo, então, o amor materno (e paterno) uma construção, e não um instinto, o pai pode amar e cuidar da prole tanto quanto a mãe. Em sua investigação, Ramires faz a constatação de que os doze pais estudados desejam participar intensamente na vida dos seus bebês, empregando nessa tarefa toda sua afetividade, igualmente como o fazem suas companheiras.

Badinter também nos diz que:

Homens e mulheres estão sujeitos a essa patologia, porque a violência faz parte da humanidade. Aprendemos mais ou menos a canalizá-la, mas não faltam ocasiões de frustrações e conflitos que submetem a uma dura prova a nossa observância das proibições. A violência escapa a nosso controle, no pior dos casos, pelos gestos e, no melhor, pelas palavras. (BADINTER, 2005: 89)

Dessa forma, a partilha crescente do poder entre homens e mulheres em diversos níveis e instituições nos permite ver que o seu exercício justo e equitativo não depende do sexo de quem o detém, mas da sua ética. Sem ética não há poder justo nem de homens nem de mulheres. Alguns exemplos utilizados pela autora são os casos da participação determinante de mulheres alemãs nos massacres nazistas e a condenação da ex-presidente da Bósnia, Biljana Plasmic, por crimes contra a humanidade. Portanto, o argumento de Hérítier de que uma sociedade dirigida só por mulheres seria mais humana e equitativa do que outra, dirigida por homens, não se fundamenta na nossa história contemporânea. Seus argumentos se baseiam em um suposto matriarcado dos primeiros grupos humanos, derrocado pelo patriarcado que representaria a violência masculina presente na suposta “essência” do homem.

No segundo caso, Hérítier argumenta que o sistema binário ocidental teria a mesma forma do sistema oriental chinês, já que nos dois o masculino seria oposto ao feminino. Essa teoria é confirmada por outros autores, como Boff (2002), Chagas (2006) e Lao Tsé (2006). No entanto, estes autores afirmam que há uma diferença importante entre os dois sistemas, e é a de que o masculino e o feminino co-existem em cada pessoa. Sendo assim, a oposição entre homens e mulheres é eliminada, permanecendo só a oposição masculino/feminino. Nossa tarefa seria a de equilibrar estes dois pólos co-existentes em nós, individualmente, ou em qualquer outro sistema, como nossas relações, nossa sociedade, a natureza, o planeta. Logrando esse equilíbrio, promovemos a paz e a harmonia de qualquer sistema.

Enfim, o discurso de Hérítier inviabiliza o pensar mudanças na identidade de gênero porque, por um lado nega a construção das diferentes identidades de mulheres e de homens e, por outro lado, parece considerar que os homens estamos determinados socialmente e, por isso,



incapacitados de repensar eticamente nossos costumes individuais e sociais. É uma espécie de “camisa de força” paralisante, que não ajuda em nada a busca da igualdade.

Na mesma linha de pensamento dessa autora, o sociólogo Pierre Bourdieu, em sua obra *A Dominação Masculina*, de 1999, descreve os processos de construção cultural e institucional da assimetria entre mulheres e homens entre os Cabila, na África. Este autor constata que o sistema relacional Cabila é o mesmo sistema ocidental dos opostos. Portanto, seria um sistema universal. Mas não só: este sistema seria inexorável, porque tanto mulheres como homens construiriam e manteriam a dominação masculina no seu contexto cultural e social. Ou seja, a dominação estaria presente nos corpos das pessoas (gestos, comportamentos, posturas, linguagem), nas relações cotidianas e nas instituições sociais (família, escola, igreja, Estado), impregnando o imaginário coletivo e transformando-a ideal em individual de homens e de mulheres. Consequentemente, qualquer tentativa de mudança desses códigos culturais seria rechaçada coletiva e individualmente.

A contribuição desse autor é importante e valiosa para nós, e pode ser constatada sem muitas dificuldades em muitas sociedades através de casos de pessoas que têm medo ou vergonha de sua identidade de gênero. Não obstante, seus argumentos nos parecem deterministas, porque supõe que o sujeito, pressionado pela sociedade, não se rebelaria contra as normas estabelecidas, ou não teria capacidade de mudar o rumo de sua história. Ora, o que fez, então, o Feminismo, senão dar uma reviravolta na condição das mulheres no mundo? O que fez o Movimento Gay, senão legitimar a condição dos homossexuais como identidade de gênero? Estes dois exemplos incontestáveis nos permitem dizer que o determinismo de Bourdieu não se sustenta empiricamente.

Para corroborar esta nossa opinião, recorreremos às opiniões de alguns autores sobre as teorias deterministas de Bourdieu, como Matthew C. Gutmann, Yves Clot e John Gledhill. Estes autores afirmam:

La dominación masculina en particular, escribe Bourdieu, se reproduce mediante la imputación de que las diferencias culturales son resultado de implacables naturalezas biológicas; también afirma que el sexismo “es un esencialismo” y que “entre todas las formas de esencialismo éste es, sin duda, el más difícil de erradicar” (Bourdieu 1990b: 12). - (GUTMANN, 2000: 358)

El sujeto no es más que un agente, un efecto de intersección, una persistencia por inercia, un rastro que no se revela más que en condiciones idénticas a aquellas que lo han producido. «Los agentes más bien caen de algún modo sobre la práctica que es la suya que no la escogen en un proyecto libre...». (CLOT, 1989: 36)



En mi opinión, se trata de ideas importantes, pero Bourdieu parece tener pocas cosas definitivas que decir acerca del papel de las clases inferiores y su cultura política. Su teoría de la representación política hace hincapié en el modo en que los líderes y los partidos definen los horizontes ideológicos de sus electorados. Su interés se centra principalmente en el modo en que se instituyen, se legitiman y se «eufemizan» las relaciones de dominación. (...) Los dominados son, pues, cómplices de su propia dominación por el poder simbólico. Así, no sólo Bourdieu se ha centrado cada vez más en el estudio de las élites, sino que su propia perspectiva parece elitista y ofrece pocas posibilidades de comprender cómo las relaciones de poder se configuran también «desde abajo». (GLEDHILL, 2000: 227)

Enfim, pensamos ser difícil construir a igualdade de género de adotamos as teorias de Hérítier e de Bourdieu, que tomam como base a teoria aristotélica do sistema binário de oposições, a qual dispõe homens e mulheres em pólos distantes e opostos. Esta separação não é natural, nem tampouco inexorável, mas sim produto da cultura e dos interesses sociais. Dessa forma, compreendemos que suas teorias não contribuem no sentido de apontar caminhos para melhores relações entre os gêneros.

2.2.2- Beauvoir e Badinter: possibilidade de mudanças

“O Segundo Sexo”, livro da filósofa Simone de Beauvoir lançado em 1945, já falava da necessidade de haver uma educação voltada para a igualdade entre os sexos, em que meninos e meninas deveriam ter as mesmas oportunidades e os mesmos desafios na sua formação, para que elas não se sentissem inferiores, e eles não se sentissem superiores. Dessa forma, a autora, embora enfatizando a mulher, dizia claramente que os homens poderiam pensar e agir na perspectiva da igualdade, porque isso dependia de como ele apreendia sua identidade e sua relação com o sexo diferente.

Esta teoria de Beauvoir foi (e ainda é) um marco para a produção intelectual posterior sobre o tema, mas a discussão feita enfatizava apenas a construção da identidade feminina e, por isso, da mulher, deixando-se de lado a discussão sobre a masculinidade, que só surgiria a partir dos anos 70 e 80, com o advento do conceito de gênero, que viria pôr em foco também o homem.

Em 1993 a escritora Elisabeth Badinter lançou o seu “XY: a identidade masculina” que, junto com outras produções da época, se tornou um referencial para a discussão sobre a masculinidade. Nele, a autora nos apresenta diferentes modelos de masculinidade na história ocidental, marcando um contraponto pequeno, porém significativo, ao modelo social dominante do “homem de verdade”. Este modelo estava distante da teoria aristotélica do sistema binário de oposições, porque eram homens não violentos e solidários às reivindicações das mulheres

por igualdade. Estavam, portanto, fora das normas sociais e do ideal coletivo de masculinidade, o que lhes rendeu severas punições através da violência psicológica e/ou física por parte da sociedade e de suas instituições. O homem “mulherzinha”, o maricas, o “mamão”, o “dominado” ou o “veado” são algumas das denominações que lhes foram dadas de maneira pejorativa, as quais ainda hoje se podem verificar no nosso cotidiano.

É dessa pressão social que fala Bourdieu, e que lhe leva a crer que não existiriam possibilidades de mudanças para a identidade do homem. Porém, como afirma Badinter, este tipo sempre existiu no Ocidente, apesar dessas pressões, e atualmente se há fortalecido bastante. E não é só isso: este tipo estaria conseguindo apresentar-se como modelo válido para muitos jovens:

Hoje, os homens jovens não se reconhecem nem na virilidade caricatural do passado, nem no repúdio à masculinidade. Eles já são os herdeiros de uma primeira geração de mutantes. Filhos de mulheres mais viris e de homens mais femininos, às vezes eles têm dificuldade em se identificar com os pais. (BADINTER, 1993: 187)

Quais seriam os motivos para essa mudança? Para Seidler (2006), uma razão seria o trauma que eles teriam sofrido com a violência sexista geralmente vivenciada dentro de suas próprias famílias. Para Nolasco (1993), seria o surgimento de “novas masculinidades” como os hippies, por exemplo, nos anos 60. Para Ramires (1997), seria a busca, e a descoberta, do prazer e da capacidade dos homens para a paternagem. Para Fuller (1997), seriam as mudanças no âmbito social e laboral das condições de vida de homens e de mulheres. Enfim, haveria variadas razões para a busca da mudança identitária entre os homens, quebrando definitivamente os argumentos de Hérietier e de Bourdieu, discutidos anteriormente.

Além dessas e outras razões recolhidas a nível teórico, recolhemos empiricamente as motivações dos homens que são membros de grupos de homens igualitários em Recife e Barcelona. É o que vamos ver a seguir.

3 Trabalho de Campo: homens igualitários

Este trabalho, como dito antes, foi realizado em duas capitais: Recife, no nordeste brasileiro, e Barcelona, no nordeste espanhol. Recife foi o espaço onde nasceu meu interesse pelo tema, a partir da minha participação em um grupo de homens durante dez anos,



aproximadamente; e, Barcelona foi o espaço onde se estruturou e se concluiu minha investigação etnográfica como projeto de mestrado em Antropologia, que durou dois anos: de 2007 a 2009.

O projeto visava levar a cabo uma investigação empírica na qual eu pudesse encontrar grupos de homens igualitários e conviver com alguns daqueles homens no seu cotidiano, tal como o fizera em Recife, a fim de verificar e comparar suas motivações para tornarem-se membros dos grupos. Vejamos esse trabalho realizado nas duas cidades.

3.1 Em Recife

Em um curso de formação sobre gênero, realizada pelo CENAP (Centro Nordestino de Animação Popular) em 1994, estivemos reunidos por quase três em Recife umas vinte mulheres e cinco homens, representantes de ONG, comunidades e movimentos populares da região nordestina. Discutíamos as relações difíceis entre homens e mulheres e as responsabilidades deles nessas relações, entre outras coisas.

Em momentos de desabafo as mulheres afirmavam: “Todos os homens são iguais”, uma expressão bastante popular, mas que incomodava aos homens ali presentes porque, afinal, nós estávamos ali com elas, buscando caminhos para a igualdade. Diante dessa reação dos homens uma das colegas sugeriu: “Por que os homens não se encontram em grupo para discutir o que significa ser homem?”, (VELOSO, 1996: 13). Foi uma provocação inovadora para nós, porque não existiam grupos de homens na região. A discussão sobre gênero acontecia apenas em espaços de mulheres, e era por isso que os homens sensíveis à questão buscávamos estes espaços.

Feita a provocação, recorde que ficamos todos em silêncio, olhando-nos atônitos como se aquela fora uma ideia que nos pegara de surpresa, e ante a qual não soubéramos como reagir. E foi isso mesmo que ocorreu porque nós, apesar de conhecer-nos havia bastante tempo, nunca havíamos cogitado tal empreitada porque entendíamos que discutir gênero era discutir sobre o sofrimento e os direitos das mulheres. O homem era o opressor, e só. No entanto, a partir daquela provocação surgiu o interesse da organização de um grupo, o que ocorreria alguns meses depois.



Mas, o que iríamos discutir? Havia um ponto de partida muito vago: o sentimento de que não nos encaixávamos no “Todos os homens são iguais”. Mas, se éramos diferentes, em que consistia esta diferença?

Essa história foi sistematizada por Marcelo A. Veloso, educador do CENAP, membro do grupo e seu principal organizador. Segundo ele, um tema queurgia ser trabalhado era o afeto masculino, porque “...era uma boa inspiração, pois afeto para o homem é uma coisa mal resolvida” (VELOSO, 1996: 14). De fato, o afeto era – ou é – uma questão difícil em nossas vidas, já que fomos instruídos a manter distância emocional das pessoas, principalmente dos filhos e filhas, e a transmitir independência e segurança em tudo o que fazemos. Daí o rechaço social ao medo e ao choro, como condição para a manutenção do status de “homem de verdade” (TREVISAN, 1998; NOLASCO, 1993; BADINTER, 1993).

A partir de sua experiência como educador e psicólogo, Veloso imprimiu no grupo o costume de sempre começarmos as reuniões com momentos de “vivência”, nos quais se trabalhavam sensações como: a expressão corporal através da dança, o olhar o outro e a si mesmo, o falar de sentimentos como medo, fracasso, carência e insegurança, e o tocar nosso corpo e do outro. Depois desse momento introdutório, discutíamos a masculinidade apoiados em alguns textos de autores/as como Sócrates Nolasco, Pierre Bourdieu, João Silvério Trevisan e Elisabeth Badinter, relacionando-os com nossas experiências pessoais.

Os temas abordados eram as nossas famílias, amizades e relações amorosas, nos quais se percebia uma insatisfação generalizada com o tipo de relacionamento distanciado em que predominavam discursos fantasiosos acerca do pai provedor e do homem conquistador. Veloso ilustra algumas dessas questões com as falas dos membros do grupo:

«Nunca tive carinho de meu pai; ele não me apoiou quando minha mãe morreu... Não conversei com meu pai, conversei com meus amigos». (VELOSO, 1996: 18)

«O assunto entre meu pai e eu é futebol, é a única ponte (entre nós). Nós somos duas almas vagando em casa. A educação sexual dada a ele foi muito grosseira (“Cuidado! A cabeça de baixo não pensa como a de cima”). Não me lembro que meu pai tenha me beijado. A gente se abraça só no Ano Novo; é um abraço que quase não vejo. Ele passa a semana viajando, quando ele chega em casa, o clima muda ». (VELOSO, 1996: 18)

«Eu me lembro muito bem que quando comecei a ter as minhas filhas, o fato de colocá-las nos meus braços, ainda recém-nascidas, me dava uma sensação que meu pai nunca teve. A sensação do corpo dela junto do meu corpo, a sensação dela abocanhar meu peito numa hora que estava com fome e não encontrar nada para mamar, é uma sensação que meu pai, meus avôs nunca tiveram. Então, é interessante que, se permitindo fazer coisas que antes era de mulher, a gente passa a ter ressonâncias que antes não imaginava». (VELOSO, 1996: 18)



«Aí uma coisa assim de você ser o homem, tem de ser forte, tem que bater, tem que ter determinação e eu não gosto disto...». (VELOSO, 1996: 20)

«A gente não pode ter uma amizade mais intensa com uma mulher porque o pessoal vai logo cobrando namoro, casamento. E se essa amizade é com outro homem, aí é que piora, aí é que o barraco baixa mesmo. Essas cobranças da vida da gente que muitas vezes a gente tem vontade de estourar». (VELOSO, 1996: 20)

«Eu sou muito mal compreendido, me sinto isolado em casa. Uma cobrança que eu percebi e que foi bem clara a incompreensão da família, foi a cobrança que minha irmã fez: “Você precisa fazer um curso pra aprender a ser homem”». (VELOSO, 1996:20)

«A menina (empregada doméstica) que chegou agora há pouco em casa, imagine a idéia que meus irmãos fazem de mim! Aí meu irmão disse pra mim assim: “Essa menina aí é doida para te comer”». (VELOSO, 1996: 20)

Dessa forma, o grupo de homens foi pouco a pouco se constituindo em um espaço em que podíamos trabalhar as questões que não podíamos tratar em outros espaços: os medos, os fracassos, a insegurança, a carência afetiva, e isso era o que diferenciava os homens do grupo dos demais homens. Estes homens éramos sensíveis aos problemas das outras pessoas, e não nos deixávamos aprisionar pela masculinidade normativa da sociedade, que valorizava a competição, a indiferença e a agressividade. O grupo era uma espécie de laboratório para nossas experiências, um espaço que oferecia segurança para a expressão e construção de identidades alternativas, desvinculadas do estereótipo do “homem de verdade”. Estes eram os motivos principais que nos levaram a formar um grupo de homens igualitários.

Éramos dezesseis membros voluntários, com 20 a 50 anos de idade, reunindo-nos uma vez ao mês em diferentes lugares. Foi uma experiência que durou cerca dez anos e que marcou nossas vidas.

3.2 Em Barcelona

Depois de um ano e meio vivendo em Barcelona, eu já havia conhecido membros de seis grupos de homens e já havia participado nas reuniões de três desses grupos. Esses contatos se deram, primeiro através da minha participação na AHIGE, da qual me tornei membro em 2007 e nela pude estabelecer uma boa relação de amizade participando em reuniões, assembleias, eventos públicos e conversas informais com os seis homens entrevistados para este trabalho; segundo, através de algumas colegas feministas da universidade.

Dois grupos eram de fora de Barcelona (área metropolitana) e ninguém desses grupos participava da AHIGE, o que dificultava e inviabilizava o contato seus membros porque eles



não frequentavam a cidade regularmente. Os outros quatro grupos eram de Barcelona e tinham membros seus participando da associação, o que facilitava o contato e até a convivência com alguns deles. Como membro da associação eu participava em suas reuniões, assembleias e eventos públicos, e mantinha uma relação muito próxima de amizade com alguns deles, que me possibilitava participar em alguns momentos de suas vidas privadas, tais como viagens familiares, almoços e eventos de lazer. Além disso, também tive a oportunidade de ser membro de um desses grupos.

Essa aproximação amistosa também me possibilitou realizar entrevistas do tipo relatos de vida com seis desses homens, nas quais pude recolher depoimentos sobre os motivos que os levaram a interessar-se por grupos igualitários. Foram horas de entrevistas, das quais apresento aqui alguns trechos selecionados:

É como te dizia: para mim [o grupo] é um espaço de... como de confiança, de apoio, de amor que faz possível um, por uma parte, um abrir-me e falar de coisas que, talvez, em outros contextos não, não falaria, e que, por outra parte, me podem revisar, reflexionar, questionar estas coisas sem que isso seja muito ameaçado... e que isso seja... entre homens, acho que, que me dá um, um algo mais. - Molina, 40 anos, casado e pai.

[No grupo] Falamos de como estamos, como nos sentimos, de como estamos com nossa companheira... familiares, com teu pai; nossas irmãs; como estamos e o trabalho, como estamos entre nós; como nos sentimos e o que nos passa; como vamos vivendo tudo; como vamos caminhando pela vida. Mas, desde o vivencial, desde o que sentimos, não? Eu, por exemplo, quando tinha problema com minha companheira... se me passa isto e, “que sentes?”, “sinto raiva”, “Y que fazes com essa raiva?” pois... e vamos falando assim. - Zorro, 31 anos, solteiro.

Para mim [meu pai] também tem sido um homem que não... não me permitiu ver o mundo e a vida de outra forma distinta da sua. Eu acho que meu pai considera que ele tem uma imagem e uma idéia de vida, como se tem que viver: para ele, bem. E... não permitia muito que você pensasse distinto porque, se pensavas distinto, estavas equivocado. - Zorro, 31 anos, solteiro.

O grupo tem aportado a mim compartilhar com homens distintos pensamentos; mas compartilhar como nos sentimos, sem medo de expressar o que temos vivido. O grupo, ele me tem aportado na prática, não na teoria, o poder expressar o que sou, sem medo; não ter medo de expressar o que sou eu. - Zorro, 31 anos, solteiro.



...com um do grupo em um momento dado, eh, me apeteça muito abraçar um do grupo, não?, ou solidarizar-me porque sinto que sua história tem algo a ver comigo, não? Eu acho que o grupo está muito vivo nesse sentido, quer dizer, é como um pequeno “laboratório de vida”, não?, é onde a gente, entre uns e outros, nos questionamos e nos confrontamos, não? E aí, em um entorno que é seguro, que é seguro porque o grupo me protege, então os do grupo nos protegem porque nos conhecemos, não?, nesse entorno seguro é onde eu posso começar a trabalhar e a tomar consciência, não? - Jordi, 35 anos, solteiro.

Como podemos perceber, o interesse pelos grupos é incrivelmente semelhante entre os homens de Recife e os de Barcelona, no sentido em que todos declaram buscar um espaço em que possam falar dos seus sentimentos e relações e vivenciar o afeto que lhes foi negado socialmente, pelo fato de serem homens.

Um fator que nos chama a atenção é que todos estes homens têm formação em Ciências Humanas e estão envolvidos direta ou indiretamente com o ofício da educação, o que demonstra a sua busca por alguma forma de cuidar das outras pessoas (função socialmente designada à mulher) e de estar comprometido com a construção de uma sociedade mais igualitária. Dessa forma, podemos concluir que isto sinaliza uma resistência aos modelos identitários sociais, indicando que, além de verbalizar sobre, eles também buscam vivenciar uma identidade alternativa do ser homem, tentando encontrar o equilíbrio das suas dimensões opostas: Masculino e Feminino.

O desequilíbrio entre o Masculino e o Feminino, presentes em cada pessoa, pode chegar ao extremo de um lado, ou de outro, e é o que entendemos que pode originar a Dominação ou a Submissão, sendo esta a realidade que se busca mudar.

Um homem pela igualdade, para mim, é um homem que tem um marco de pensamento desde a realidade, do mundo, desde uma perspectiva feminista. Pensamento feminista. E, ao mesmo tempo, otimista em relação à sociedade, aos homens. Quer transformar a realidade das relações de gênero. Busca transformações sociais que progridam e superem os gêneros tradicionais. Mas também, um homem pela igualdade... essa é a parte teórica. A parte prática é que ele se veja e seja consciente de sua necessidade de crescimento pessoal, trabalho pessoal e de autoconhecimento, e respeitar os sentimentos das mulheres e dos homens. - Zorro, 31 anos, solteiro.

E como definiríamos um grupo de homens igualitários?



De acordo com as entrevistas realizadas, o grupo é um espaço no qual os homens igualitários podem discutir e vivenciar a identidade de gênero a partir de valores como a solidariedade e a igualdade, exercitando um modelo alternativo ao modelo dominante; é um espaço seguro, porque eles sabem que os companheiros não vão rechaçar a diferença, mas acolhe-la. Assim sendo, ali o abraço é mais do que palmadas violentas nas costas: é uma expressão de acolhida do outro; a mulher é mais do que um objeto de conquista: é uma pessoa igual e companheira; os filhos e filhas são mais do que bocas para alimentar: são pessoas que lhes dão e lhes pedem companhia na vida; a igualdade é mais do que palavras e discursos bonitos: é atitude e vivência.

Estas noções de identidade e de grupo foram verificadas em todos os homens com os quais foi realizado este trabalho.

4 CONCLUSOES

A teoria de Simone de Beauvoir, que tanto influenciou e influencia a produção acerca de gênero, já na primeira metade do séc. XX falava o que ainda hoje estamos descobrindo: a identidade de gênero é uma construção, e não uma determinação social. Portanto, falar em identidade de gênero é falar de mulheres e de homens em busca de encontrar-se individual e socialmente. Para tanto, é necessário que questionemos os determinismos do nosso sistema binário de pensamento, como forma de contribuir para a construção da igualdade de gênero.

Essa contribuição pode ser dada a partir do estudo científico das expressões indenitárias alternativas, identificando-as histórica e socialmente. Os autores e autoras aqui referenciados/as nos dão estas bases históricas e sociais para a verificação da presença dos homens igualitários em nossas sociedades. Entre os trabalhos referentes, destacamos os de Trevisan (1998 e 2002), que nos remete aos costumes da Antiga Grécia até os dias atuais, passando pelos costumes não ocidentais de povos africanos, para constatar que o modelo do “homem de verdade” nem sempre foi como o conhecemos no Ocidente, mas que muda com desenrolar da história; e, o trabalho de Badinter (1993), que nos apresenta diferentes modelos alternativos ao modelo dominante de masculinidade, iniciando uma primeira militância em favor da igualdade entre mulheres e homens já no século XVII.

Estes trabalhos nos mostram, por um lado, que os modelos indenitários mudam com o tempo e a sociedade estudada. Dessa forma, torna-se infundada a defesa de um sistema



universal e inexorável de relações de gênero, que não contribui de forma consistente para a abertura de perspectivas para a construção da igualdade. Pelo contrário, reforça a chamada “guerra dos sexos” através de uma diferenciação supostamente natural, que é, na verdade, cultural. E, por outro lado, nos mostram que apesar da repressão social normativa para a manutenção de modelos dominantes, sempre houve quem quebrasse as regras através de posturas individuais e, quando possível, de grupos organizados.

É evidente que são poucos os homens que buscam discutir séria e comprometidamente a igualdade, e muito poucos ainda os que buscam participar em grupos de homens – apesar de ser um fenômeno em crescimento. Porém, levando em consideração as teorias de Héri-tier e de Bourdieu, podemos perceber o quão é difícil para a maioria dos homens assumir uma postura igualitária. Ou seja, não podemos esperar a que a maioria dos homens decida individualmente desafiar as normas e costumes sociais, os quais lhes oferecem supostos ganhos em relação às mulheres (e a outros homens). Só quem é sensível à condição de sofrimento do ‘outro’, ou do seu próprio, é capaz de romper com as normas.

Isso significaria que há alguns homens melhores do que outros? Claro que não. Significa apenas que podemos constatar que nem todos eles se enquadram no modelo dominante, e que, dessa forma, podemos pensar estratégias de construção da igualdade que passa, evidentemente, pela educação escolar.

É fundamental também a igualdade no sentido prático de apoiar as pessoas, as tarefas domésticas, sobretudo: o típico tópico, mas na realidade individual. E aí eu mesmo não me conheço, todavia me falta por fazer, ¿não? Isso são temas mais identitários, que tem que ver com os processos pessoais de identidade e personalidade... - Molina, 40 anos, casado.

Como vemos, os homens igualitários – sejam de Recife ou de Barcelona – são pessoas comuns, com suas virtudes e defeitos como qualquer pessoa. A diferença consiste em que eles, além de ter um discurso a favor da igualdade, também buscam viver essa igualdade em suas vidas pessoais. Este processo não é fácil, como podemos verificar no depoimento acima, mas é um processo que é encarado por cada um. Esta é uma decisão pessoal, porém não deveria sê-lo.

A igualdade tem que fazer parte das políticas públicas e deve contemplar a mulheres e homens. Não podemos pensar as políticas de gênero só no seu aspecto repressor, em que às



mulheres se lhes ensina a defender-se dos homens, e aos homens agressores lhes é dada detenção ou penas alternativas. Estas políticas estão voltadas para a punição do erro, não para a sua prevenção.

Por que há homens que agredem suas companheiras e por que muitos deles tentam o suicídio? A estas questões costuma-se atribuir a suposta “essência masculina do homem”, como se o problema fosse de ordem biológica e não social. Mas, será que os meios de comunicação, que usam cotidianamente o corpo das mulheres como estratégias de venda dos mais variados produtos, não influiriam nessa realidade de violência? Será que a educação escolar, voltada para a reprodução de modelos sociais absolutamente competitivos e excludentes, não influiriam nessa realidade? Será que as políticas públicas, omissas nestas situações de reprodução de estereótipos sociais, não influiriam nessa realidade? Enfim, há muito que se dizer e fazer, e certamente não será pretendendo que as mudanças sociais surjam apenas da vontade individual de alguns.

É preciso valorizar, sim, as iniciativas individuais, mas não só isso.

Este trabalho buscou destacar o fenômeno da organização de grupos de homens igualitários, enfatizando a noção de construção individual e social da identidade de gênero e rechaçando o determinismo social do nosso sistema de pensamento binário. Com isso, esperamos contribuir para a abertura de perspectivas na busca da construção da igualdade entre homens e mulheres.

BIBLIOGRAFIA

BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. Rumo Equivocado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. O *Segundo Sexo*. Vol. II: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1986.

BOFF, Leonardo. “A Nova Consciência”, 1938, em: Muraro, Rose M. y Boff, Leonardo. *Feminino e Masculino*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.



CASARES, Aurelia Martín. Antropología de Género: culturas, mitos y estereotipos sexuales. (Feminismos). Madrid: Cátedra, 2008.

CASTAÑEDA, Mariana. O Machismo Invisível. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

CHAGAS, Sergio. Feng Shui. Buenos Aires: Kier, 2006.

CLOT, Yves. “La otra visión biográfica”, em: *Historia y Fuente Oral*, n. 2, pp. 35-39, 1998.

DÍAZ, Aurélio comp. Técnicas de Investigación en Antropología Social y Cultural. Materiales: temas 1, 3, 6, 8 y 9. Bellaterra: UAB, 2008 (policopiado).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FULLER, Norma. “Fronteras y Retos: varones de clase media del Perú”, 1997, em: Valdés, T. y Olavarría, J., eds. *Masculinidad/es: poder y crisis*. Santiago: FLACSO-Chile, 1997.

_____. Masculinidades: cambios y permanencias. Perú: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2001.

GLEDJILL, John. “De la Macroestructura al Microproceso: análisis antropológico de la práctica política”, em: *El Poder y sus Disfraces: perspectivas antropológicas de la política*. Barcelona: Edicions Bellaterra, pp. 201-239, 2000.

GUILLOT, Patrick. Cuando los Hombres Hablan. Barcelona: Icaria/Milenrama, 2008.

GUTMANN, Matthew C. Ser Hombre de Verdad en La Ciudad de México: ni macho ni mandilón. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Sociológicos, Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer: Centro de Estudios Demográficos y de Desarrollo Urbano, Programa Salud Reproductiva y Sociedad, 2000.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HÉRITIER, Françoise. Masculino/Femenino: el pensamiento de la diferencia. Barcelona: Ariel, 1996.

_____. Masculino/Femenino II: disolver la jerarquía. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

KREIMER, Juan Carlos. Rehacerse Hombres: ideas para reflexionar & ejercicios para conocerse y practicar en grupos; cómo dar nuevos sentidos a la masculinidad. Argentina: Grupo Editorial Planeta, 1994.

LAO TSE. Tao Te King. Málaga: Sirio, 2006.

LOURO, Guacira ed. O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.



MOORE, H.L. “Antropología y Feminismo: historia de una relación”, em: Antropología y Feminismo. Madrid: Ed. Cátedra/Univ. Valencia, pp. 13-24, 1991.

NOLASCO, Sócrates. O Mito da Masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLAVARRÍA A., José. ¿Hombres a la Deriva? Chile: FLACSO, 2001.

PAULINA, Iracy. *As Mulheres não Gostam de Homens Sensíveis?* CLAUDIA, n. 07, pp. 52-56, São Paulo, 2004.

PRAT, Joan. “La producció del discurs autobiogràfic”, *Revista d’Etnologia de Catalunya*, n. 23, pp. 14-23, 2003.

_____. Los Sentidos de la Vida. Barcelona: Bellaterra, 2007.

RAMIRES, Vera Regina. O Exercício da Paternidade. Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1997.

SAMARA, Eni de M. As Mulheres e o Poder: São Paulo, século XIX. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

SEDLER, Victor J. Masculinidades: culturas globales y vidas íntimas. Espanha: Montesinos, 2006.

STOLCKE, Verena. “La Mujer es Puro Cuento: la cultura del género”, *Quaderns de l’Insitut Català d’Antropologia, serie monogràfics: A proposit de cultura*, n. 19, pp. 69-95, Barcelona, 2003.

TREVISAN, João Silvério. Seis Balas num Buraco Só. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VELOSO, Marcelo Augusto. *Seja Homem. Tecendo Idéias*, n. 02, pp. 7-22, Recife: CENAP, 1996.